O PADRE VOADOR

Inventor do balão de ar quente, o físico e matemático Bartolomeu Lourenço de Gusmão protagonizou uma fábula para encobrir seus projetos aeronáuticos

Cláudio Tsuyoshi Suenaga

No princípio do século XVIII, rico em acontecimentos decisivos para a aeronáutica, veiculou-se a sensacional notícia da chegada de um "navio voador" vindo de Portugal, conduzido pelo seu próprio inventor. A reportagem, acompanhada de uma ilustração da fantástica aeronave, apareceu em um panfleto em Viena, na Áustria, datado de 24 de junho de 1709.

As descrições falavam que às 9 horas da manhã surgira sobre a cidade uma máquina semelhante a um navio, de dentro da qual "uma pessoa vestida como um monge anunciara sua chegada com alguns tiros". Inesperadamente, porém, um forte vento arremessou o cavaleiro dos ares e sua nave contra a torre de Santo Estevão, fazendo com que a vela nela se emaranhasse. Como ninguém podia ajudar a pessoa aprisionada, esta, "servindo-se de martelos e ferramentas existentes na nave, trabalhou até que caísse o extremo da ponta da torre que a prendia". Readquirindo o controle da nave, dirigiu-se com segurança até as proximidades do castelo imperial, ali pousando.

O piloto teria relatado então ao admirado cronista "como ele havia deixado Lisboa no dia anterior (22 de junho) com a máquina de voar que acabara de inventar, travando grandes combates, vivendo aventuras, lutando continuadamente com águias, cegonhas, aves-do-paraíso e aves desconhecidas na Terra. Ao passar pela Lua, observou o quanto lhe permitia a pressa, que ali havia montanhas e vales, lagos, rios e campos; também criaturas vivas e pessoas, as quais tinham mãos como as daqui, mas não possuíam pés...". No final do panfleto, os indicativos da mentalidade e das atitudes vigentes na época: "Acabo de saber que o dito aeronauta foi preso como mestre da magia, e possivelmente será queimado juntamente com seu "pégaso" nos próximos dias.

Redigido por um esperto jornalista, o texto foi baseado em uma "notícia verdadeira" publicada em 1º de junho pelo jornal Wienerische Diarium. Uma breve nota dizia que na corte imperial havia chegado um mensageiro de Portugal trazendo consigo o desenho de uma aeronave inventada pelo sacerdote e cientista brasileiro Bartolomeu Lourenço de Gusmão. A utópica máquina, batizada de "Passarola", seria capaz de cobrir 200 milhas em 24 horas.

A vida do chamado "Padre Voador", enfocada pelo escritor português José Saramago em seu acalentado romance histórico Memorial do Convento, é um tanto obscura. Sabe-se que ele nasceu em 1865, na cidade de Santos, litoral de São Paulo, sendo batizado no dia 19 de dezembro. Filho do cirurgião-mor Francisco Lourenço e de Francisca Alvares, adicionou, em comum acordo com seu irmão Alexandre – aliás não menos notável, tendo entre outras funções exercido a de negociador do Tratado de Madrid em 1750 -, o sobrenome Gusmão em 1718, em honra do seu educador, o jesuíta e escritor lisboeta Pedro Alexandre de Gusmão (1629-1724).

Destinado em princípio a ser jesuíta, ao completar 15 anos partiu para estudar em Coimbra. De volta ao Brasil, passou por todas as ordens da Bahia. O título de sacerdote, no entanto, só o obteve no Rio de Janeiro, no final de 1708 ou início de 1709. Versado em direito canônico, física e matemática, dedicou-se com paixão e afinco às pesquisas científicas.

Inventor do balão aerostático de ar quente, realizou a primeira demonstração em 8 de agosto de 1709, na presença do rei Dom João V, de sua corte e demais dignitários. Embora longe da perfeição, a "esfera" aquecida elevou-se suavemente até a altura de 4,5 metros e pegou fogo ao bater numa das cortinas, sendo abatido a varadas pelos criados do Paço Real.

De acordo com o escritor e "gusmanólogo" Affonso de Taunay, autor de obras como Zoologia Fantástica do Brasil (Séculos XVI e XVII), nenhum dos que estiveram ali presentes – o rei e a rainha, o cardeal Conti, embaixador da Igreja em Lisboa e futuro papa Inocêncio XIII, numerosa clerezia, os infantes e muitos membros da elite de Portugal – puderam avaliar nem sequer compreender a importância e o alcance daquele experimento porque "não entendiam patavina dos mais elementares princípios da física de seu tempo": "Ninguém de tão numerosa e magnífica assistência jamais ouvira falar do princípio de Arquimedes. Como poderiam pois compreender que o padre brasileiro, filho de Santos, estava realizando uma extensão da lei da geometria de Siracusa ao fluido atmosférico? Foi por isto que ninguém daquela assembléia de monarcas, príncipes e prelados, pôde perceber a magnitude da experiência a que assistira. E vislumbrar, sequer, as conseqüências decorrentes da elevação aos ares do globo esférico de papelão que sustinha uma grande gamela onde 'ardiam espíritos'. Que idéia veio a fazer o futuro sumo pontífice de semelhante ensaio? 'Cousa destituída de valor e sem nenhuma expectativa digna de apreço' como em lacônico despacho informaria à Santa Sé".

Houvesse o desastrado inventor procedido os seus ensaios ao ar livre, opinou Taunay, o seu balão teria sido avistado por centenas, senão milhares de lisboetas estarrecidos ante semelhante aparição. E a notícia da ascensão se propagaria de maneira vertiginosa. Correria a Europa toda, o mundo todo.

Se de fato Gusmão não voou agarrado ao seu balão, não se pode contestar, contudo, que tenha provado cabalmente que um invólucro cheio de gás mais leve do que o ar, sobe. "O mais não passa de aplicações desse princípio", afirmou o folclorista Aluisio de Almeida, para quem o folclore está infiltrado na biografia do "Voador": o apelido, a propaganda por estampas populares, a incompreensão do povo que atribuiu o invento a poderes diabólicos, etc.

Meses antes, em março de 1709, Gusmão havia entregue ao rei o pedido de concessão de patente para uma delirante aeronave por ele projetada. Dez anos depois, em 19 de abril de 1719, Dom João V lhe concederia a patente com as palavras que se seguem. Trata-se de um dos mais curiosos e fantasiosos documentos da história da conquista dos ares, repleto de antevisões do futuro: "Eu, o rei, faço saber que o sacerdote Bartolomeu Lourenço de Gusmão apresentou-me uma petição segundo a qual terá descoberto um instrumento para voar pelos ares... Nesse instrumento poder-se-ia transmitir ordens importantes a exércitos e países distantes quase na mesma hora em que as decisões forem tomadas... Além do mais eu poderia mandar vir dos países distantes mais depressa e mais seguramente aquilo de que preciso; os comerciantes poderiam enviar cartas e capitais com a mesma rapidez; todas as praças sitiadas poderiam receber auxílio em pessoal, munição e alimentos, podendo retirar as pessoas que assim desejassem sem que o inimigo pudesse impedir tal coisa. Descobrir-se-iam as regiões mais próximas dos pólos, de sorte que Portugal ganharia a honra desta descoberta, a qual nações estrangeiras por diversas vezes tentaram alcançar sem sucesso. Saber-se-iam as verdadeiras dimensões geográficas de todo mundo, cujas atuais informações errôneas nos mapas poderiam

provocar muitos naufrágios. Juntar-se-iam ainda muitas outras vantagens, que se tornariam conhecidas como o tempo...".

A delirante aeronave-monstro, entretanto, jamais voou. Affonso de Taunay foi quem mais contribuiu para desmistificar o episódio. Segundo ele, a "Passarola" tencionava desviar a atenção de seu invento maior, aquele que realmente importava, qual seja o balão de ar quente: "Pensando resguardar-se de assaltos que antevia fatais aos seus direitos de inventor, entendeu Bartolomeu de Gusmão poder abroquelar-se em estratagema mistificatório inventado para despistar os velhacos e aproveitadores do trabalho alheio a rondarem em torno oficina onde construía o seu balão. E assim criou a figura teratológica, verdadeiro monstrengo, filho da descabelada inverossimilhança e do completo absurdo em matéria de física, a que se deu o nome de "Passarola", pretenso desenho representativo do aspecto de sua prometida máquina aerostática. Parece incrível que semelhante aberração do bom senso haja a tantos e tantos engazupado e por um lapso de quase 2 e meio séculos! E não se diga que os mistificadores por esta burla foram todos beócios! Não! Muitos homens de certo saber e cultura deixaram-se engodar pelo grosseiro embuste de tal caranguejola de perfil ornitoforme, dos ímãs e pedras de cevar das esferas atrativas, onde uma única cousa não é falsificação: a bandeira real portuguesa desfraldada à popa da maxambomba. Deixou-se a maioria arrastar pelos ímpetos da boa fé e os ditames da solidariedade racial e nacional, apegando-se a uma fantasmagoria que só criou importância depois do êxito retumbante e universal das experiências dos Irmãos Montgolfier...".

Alguns, porém, não tardaram a perceber e apontar a fraude. Já em 1709 surgiu na Itália, de autor anônimo, ferina caricatura interpretativa e arrasadora do invento do "Voador", uma tal "Barca che navigava per l'aria seicento miglia per giorno inventara l'anno presente in Portogallo". Em 1710, o poeta Pier Jacopo Martello publicou em sua obra Versi e Prose, uma notícia relativa ao invento a que ridicularizou taxando de absurdo.

Passaram-se longos anos e em 1773 o mundo, espantado, reconhecia o balão de ar quente dos Irmãos Montgolfier. Lembraram-se então os portugueses das experiências de Gusmão e tentaram provar que à sua nação cabia a prioridade da glória por tão portentoso feito. Os únicos recursos de que puderam lançar mão eram o texto da petição do "Voador" e a estampa da "Passarola". Em Portugal e no Brasil se encetou longa e pertinaz campanha reabilitadora, em que se destacaram Freire de Carvalho e Francisco Recreio, além mar, e José Bonifácio, entre nós.

Mas o grande incentivador do movimento veio a ser Augusto Felipe Simões, professor na Universidade de Coimbra, em meados do século XIX. Alcançou ele memoráveis triunfos e um dos principais consistiu na descoberta, em 1868, da estampa comprobatória de que o aparelho de Gusmão não era, de todo, a "Passarola". Dos documentos apurados se deduz inatacável conclusão: o aparelho de Gusmão consistia num balonete de papel de cujo bojo se dependurava uma espécie de gamela onde havia líqüido inflamado que se destinava a aquecer o ar confinado no aeróstato.

Até o fim de sua vida, Gusmão jamais abandonou a obsessão pela conquista dos ares, apesar da proibição de continuar com suas experiências sob a alegação de que possuíam um caráter diabólico. Concebeu um balão dirigível e certamente o teria aperfeiçoado não fossem as perseguições do Tribunal de Inquisição que o obrigaram a fugir para a Espanha. Amargando o exílio, a frustração e a pobreza, faleceu no dia 19 de novembro de 1724 em um hospital de Toledo, levando para o túmulo da igreja de São Romão os segredos de seu invento que, retrabalhado 74 anos depois, faria a glória dos Irmãos Joseph e Etienne Montgolfier.

A SEMANA DE OITENTA ANOS

Paulo Bomfim

No Parque Ibirapuera, no Monumento às Bandeiras, os ancestrais dos protagonistas da Semana de Arte Moderna marcham para o futuro na Monção comandada por Brecheret.

Sobre o modernismo paulista, alguém poderia pesquisar um dia, a atávica presença de caciques e de bandeirantes nos participantes da Semana de Arte Moderna e nos Movimentos Pau-Brasil, Antropofágico e Verde Amarelo.

Se nos restringirmos apenas à Semana de Arte Moderna, encontraremos o antepassado Tibiriçá, presente em Guilherme e Tácito de Almeida, em Mário de Andrade e Oswald de Andrade, em Paulo Prado, Ian de Almeida Prado, Cândido Mota Filho, Vicente de Azevedo, Plinio Salgado, Couto de Barros, Luiz Aranha, Rubens Borba de Moraes e Gomide (No Nordeste deparamos com o sangue do Cacique Arco-Verde alimentando o lirismo de Manuel Bandeira e a pintura de Di Cavalcanti; e os gens do desbravador Bento Maciel Parente, presentes em Graça Aranha).

Menotti del Picchia por sua vez, foi casado em primeiras núpcias com D. Francisca Avelina da Cunha Salles, descendente de Manuel Preto, "O Herói de Guaira" e de Águeda Rodrigues, neta de Tibiriçá. Em segundas núpcias, o poeta de "Juca Mulato" foi casado com a pianista Antonieta Rudge, de antiga família paulista.

Renê Thiollier, por sua genitora D. Fortunata, provém dos Castros tão ligados à história do planalto.

Annita Malfatti, pelo lado de sua mãe D. Beth, une-se também a velhos troncos da nossa gente.

Tarsila do Amaral, a musa do modernismo, orgulhava-se de descender de João Ramalho, Tibiriçá e Brás Cubas.

Goffredo da Silva Telles, outro participante das memoráveis jornadas de 22, natural do Rio de Janeiro, foi casado com D. Carolina, filha de Ignacio Penteado e de D. Olivia Guedes Penteado, anjo tutelar dos modernistas. Ambos pertencentes ao clã de sertanistas nascidos do amor de João Ramalho e Bartira.

Encerramos estas notas ao som do piano tocado por Guiomar Novaes, em 15 de fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo; Guiomar que transformou em música os passos de seu avoengo o bandeirante Fernão de Camargo, cognominado "O Tigre".

Genealogicamente falando, ousaríamos dizer que o modernismo em São Paulo foi uma questão tribal, ou melhor, guaianás. Em seu amor à terra, foi Tibiriçá; em seu espírito contestatório, foi Piquerobi!

- Brasileiros, do alto do Teatro Municipal 80 anos de Arte Moderna vos contemplam!